



A RELIGIÃO À LUZ DA LITERATURA E DA COLONIALIDADE: UM RECORTE TEMPORAL

RELIGION IN THE LIGHT OF LITERATURE
AND COLONIALITY: A TIME CUT

Alessandra Leles Rocha¹
Universidade Federal de Uberlândia

Fernanda Aquino Sylvestre²
Universidade Federal de Uberlândia

Resumo: Se a literatura imita a vida, tal fato se torna mais fácil de compreender quando se debruça sobre as perspectivas literárias em torno de fenômenos sociais extremamente impactantes, como foi o Colonialismo e o Pós-Colonialismo, os quais trazem à luz o lugar de fala de colonizados e colonizadores e o modo como isso repercute ao longo do tempo sobre as identidades nacionais e individuais. Considerando a temática da religião, este artigo abre possibilidades para uma análise da literatura quanto aos reflexos do poder religioso em *A Letra Escarlate* (*The Scarlet Letter*), de *Nathaniel Hawthorne*, e em *Hibisco Roxo* (*Purple Hibiscus*), de *Chimamanda Ngozi Adichie*; o que significa discutir a influência da religião nas “transformações sociais, relações de poder, de classe, de gênero, de raça/etnia” (SOUZA, 2004, p. 122). Assim, tal influência mostrada literariamente permanece impactando a sociedade.

Palavras-Chave: Língua Inglesa; Religião; Literatura Colonial; Literatura Pós-Colonial.

¹ Endereço eletrônico: lelesrocha.a@gmail.com.

² Endereço eletrônico: fernandasyl@uol.com.br.

Abstract: *If literature imitates life, that fact becomes easier to understand when it looks at literary perspectives around extremely impacting social phenomena, such as Colonialism and Post-Colonialism, that bring to light the place of speech of colonized and colonizers and the way it reverberates over time over national and individual identities. Considering the theme of religion, this article opens up possibilities for an analysis of the literature regarding the reflections of religious power in *The Scarlet Letter*, by Nathaniel Hawthorne, and *Purple Hibiscus*, by Chimamanda Ngozi Adichie; which means discussing the influence of religion on “social transformations, relations of power, class, gender, race / ethnicity” (SOUZA, 2004, p. 122). Thus, as shown literary influence remains impacting society.*

Keywords: *English language; Religion; Colonial Literature; Post-Colonial Literature.*

INTRODUÇÃO

Se a literatura imita a vida, talvez seja porque ela tem um modo mais atenuado de trazer a compreensão da realidade, ao contrário dos livros de História propriamente dita. Isso porque, segundo Paul Valéry (1945)³, citado por Camilotti e Naxara (2009),

A história é o produto mais perigoso que a química do intelecto elaborou. Suas propriedades são bem conhecidas. Ela faz sonhar, embriaga os povos, provoca falsas lembranças, exagera seus reflexos, cultiva suas velhas feridas, atormenta-os quando em repouso, os conduz ao delírio de grandeza ou ao de perseguição, e torna as nações amargas, soberbas, insuportáveis e vãs. A história justifica aquilo que quisermos. Ela não ensina rigorosamente nada, pois contém tudo e fornece exemplos de tudo. (VALÉRY, 1945, p. 39 apud CAMILOTTI; NAXARA, 2009, p. 17)

A literatura não precisa ser linear, ou se apegar à fidelidade extrema dos documentos históricos, ou retratar as personagens notórias de uma época só para garantir traços de credibilidade textual. Ela sobrevive respirando os ares da licença poética; mas sem perder o charme de guardar nas entrelinhas e na capacidade astuta do leitor o essencial do mundo real.

De acordo com Pereira (2006), tudo isso se traduz no fato de que

a leitura de uma obra literária é um processo cognitivo *sui generis*, pois a Literatura oferece uma experiência absolutamente singular, devendo ser

³ VALÉRY, Paul. De l'histoire. In: *Regards sur le monde actuel et autres essais*. Paris: Gallimard, 1945. p. 39. Tradução de Jacy Seixas.

entendida como fonte de um conhecimento além ou aquém do racional. (PEREIRA, 2006, p. 78)

Isso se torna mais fácil de compreender, quando se debruça sobre as perspectivas literárias em torno de fenômenos sociais extremamente impactantes, como foi o Colonialismo, o Pós-Colonialismo e, mais recentemente, a Pós-Colonialidade.

Tais fenômenos trazem à luz o lugar de fala de colonizados e colonizadores e o modo como isso repercute ao longo do tempo sobre as identidades nacionais e individuais. No que tange ao posicionamento em relação aos padrões alicerçados nos direitos humanos e responsabilidade cidadã, não se pode jamais esquecer de que “a obra literária tem como referência um mundo ficcional, inventivo, imaginativo. A ficcionalidade é, deste modo, um critério de distinção entre o que é e o que não é Literatura” (PEREIRA, 2006, p. 78).

Diante dessas perspectivas literárias, então, Bonnici (1998), Santos (2010) e Pezzodipane (2013) esclarecem que a literatura colonial refere-se a um ponto de vista europeu sobre terras e povos não europeus por eles dominados.

De acordo com Coelho (2009), essa literatura se identifica com

um conjunto de textos que inclui romance, poesia, narrativas de viagem, relatos de missionários, diários, livros de notas e outros que propagandearam a ideia de império sobretudo a partir do século XIX, tem origem em textos muito anteriores aos quais vai beber metáforas e imagens, como sejam as descrições de selvajaria de Heródoto, os relatos de Marco Polo, Mandeville ou Haklyut. Seria, contudo, na viragem do século, com a expansão colonial como a Inglaterra e a França, que iria desenvolver-se. A África, continente redescoberto pelos europeus nos anos 80 do século passado, surge então como cenário de inúmeros textos de autores como H. Rider Haggard, John Buchan, Mary Kingsley, Florence Dixie ou Joseph Conrad em Inglaterra e Pierre Loti, Paul Vigne D’Octon ou Paul Bonnetain em França. Também o império britânico na Índia é tema de Rudyard Kipling, E. M. Forster, G. A. Henty ou Alice Perrin. (COELHO, 2009, não paginado)

A literatura pós-colonial, por sua vez, vem mostrar as marcas profundas da exclusão e da dicotomia cultural durante o domínio imperial, as transformações operadas pelo domínio cultural europeu e os conflitos delas decorrentes. Segundo Coelho (2009), a literatura pós-colonial

tem início após a II Guerra Mundial sendo definida por Elleke Boehmer como “a literature which identified itself with the broad movement of resistance to, and transformation of, colonial societies.” (*Colonial & Postcolonial Literature. Migrant Metaphors*, Oxford University Press, 1995, p. 184). (COELHO, 2009, não paginado)

Ao dissecar a relação colonial e, de alguma maneira, resistir às perspectivas colonialistas, a literatura pós-colonial abriu espaço para a Pós-Colonialidade. Desse modo, essa passou a ser discutida recentemente nos círculos acadêmicos latino-americanos dos EUA, como um meio de reconhecimento da situação de subalternidade de comunidades como as indígenas, asiáticas e México americanas, dentro desse país.

Segundo Coelho (2009),

É de salientar que a partir dos anos 70 grupos cujas obras não eram até então consideradas passam a figurar na literatura pós-colonial. São eles as mulheres (Ama Ata Aidoo, Bessie Head, Keri Hulme, Michelle Cliff, Erna Brodber) e os povos indígenas (p. ex., os australianos aborígenes Sally Morgan e Mudrooroo ou os neozelandeses maori Witi Ihimaera e Patricia Grace). A eles se junta um terceiro grupo, os chamados *migrant writers*. Por diferentes razões, que vão desde a opção profissional ao exílio político, autores de nações outrora colonizadas passam a residir em Boston, Nova Iorque, Londres e Paris. É o caso de Salmom Rushdie, Ben Orki ou V. S. Naipul. (COELHO, 2009, não paginado)

Por meio da reflexão sobre esses processos, é possível, então, perceber nessas respectivas literaturas a presença de temáticas comuns e importantes, tais como a política, as questões de gênero, a escravidão e a religião; bem como a resistência de algumas delas à passagem do tempo e à posição na sociedade de quem as escreve, ou seja, do colonizado ou do colonizador. Foi exatamente o que aconteceu durante o processo de leitura de *A Letra Escarlate* (*The Scarlet Letter*), de Nathaniel Hawthorne, e *Hibisco Roxo* (*Purple Hibiscus*), de

Chimamanda Ngozi Adichie. A primeira obra, escrita em 1850, traz a perspectiva colonialista a partir do contexto histórico tanto do autor quanto da própria obra; e a segunda, escrita em 2003, se baseia na perspectiva pós-colonialista da autora de origem Nigeriana. O que une histórias e perspectivas tão diferentes reside no papel desempenhado pelo poder religioso na organização e manutenção social.

Conforme explica Ferreira (2012),

antes de se imaginar a Religião como o motor único que dá sustentabilidade à sociedade, é necessário lembrar que ela se legitima, ou se torna plausível, através da própria sociedade. São os membros de um grupo ou comunidade que tornam a religião importante. A constante necessidade do transcendente que se comunica com o natural reflete o poder criador do homem em criar para si (e conseqüentemente para os outros), meios de obter respostas ou favores que venham suprir seus questionamentos ou necessidades. (FERREIRA, 2012, p. 7)

Desse modo, considerando a temática da Religião, esse artigo abre possibilidades para uma análise da literatura quanto aos reflexos do poder religioso em *A Letra Escarlata* (*The Scarlet Letter*), de Nathaniel Hawthorne, e em *Hibisco Roxo* (*Purple Hibiscus*), de Chimamanda Ngozi Adichie; o que significa discutir sua influência nas “transformações sociais, relações de poder, de classe, de gênero, de raça/etnia”, adentrando “num complexo sistema de trocas simbólicas, de jogos de interesse, na dinâmica da oferta e da procura” (SOUZA, 2004, p. 122).

1 OS AUTORES, SUAS OBRAS LITERÁRIAS E PERCEPÇÕES SOBRE A SOCIEDADE

Nascido em 4 de julho de 1804, na cidade de Salém, Massachusetts, *Nathaniel Hawthorne* é considerado um dos mais importantes contistas norte-americanos e fez da sua origem puritana tema central de muitas de suas obras, conferindo-lhe ares de única salvaguarda contra a crueldade humana.

Segundo Carbonieri e Gava (2015, p. 14), “os puritanos eram ingleses que adquiriram esse nome porque seu objetivo era ‘purificar’ a Igreja Anglicana da Inglaterra”; de modo que “eles pretendiam continuar a reforma iniciada por Henrique VIII, tentando extirpar da Igreja tudo o que considerassem estar corrompido ou em desacordo com a Bíblia”.

Sem outras pretensões sociais aparentes, “seu principal objetivo não era produzir lucro, mas antes criar uma sociedade no Novo Mundo, em que pudessem professar livremente sua fé” (CARBONIERI; GAVA, 2015, p. 15); de modo que

a religião seria uma aliada das ações sociais em prol do melhoramento da condição humana, atuando como um bálsamo nos indivíduos que padecem dessas pechas sociais. Sendo assim, a religião não teria um papel meramente alienante, como é normalmente considerada pejorativamente, mas seria um sinal de que algo precisa ser feito em prol da sociedade ou mais precisamente de um grupo de indivíduos marginais. (FERREIRA, 2012, p. 9)

Apesar da tentativa em se distanciar do legado de sua família em relação aos julgamentos das bruxas de Salém, na década de 1690, acrescentando um “w” no próprio nome; *Hawthorne* não poderia negar o parentesco com *John Hathorne*, um dos três juízes durante os tais julgamentos, os quais se referem às acusações de bruxarias que

começaram em fevereiro de 1692, quando meninas adolescentes ligadas ao pastor do povoado acusaram membros da comunidade de enfeitiçá-las e de possuírem pacto com o demônio. Os surtos eram frequentes: moças rolavam no chão, ficavam doentes, árvores secavam. Essas ações para os habitantes de Salem só poderiam ter ligação com ações demoníacas (KARNAL & *et al*, 2011: 51). Com isso, instaurou-se um julgamento. A Igreja (como já mencionado) possuía poderes civis, Estado e Igreja, juntos, eram responsáveis pela punição e julgamento dos crimes e desobediências que ocorriam. (MORAIS, 2015, p. 149)

Portanto, sua obra caracteriza-se por romances, cuja delicada escrita é dotada de um pudor que pinta até os mais insignificantes pecados como máculas formidáveis; bem como em algumas deixa manifestar seu apreço pela

estética gótica e por incorporar aspectos psicológicos no enredo, o que se percebe por meio de personagens carregados de muita dor e depressão.

No caso de *A Letra Escarlata* (*The Scarlet Letter*), publicado em 1850, *Nathaniel Hawthorne* traz a questão do adultério na voz de uma mulher que desestabiliza a ordem social, em pleno século XVII, ao transgredir as normas impostas pela estrutura social puritana.

A personagem *Hester Prynne* afronta o casamento (instituição sagrada e tão fundamental quanto a própria Igreja) e pratica o adultério (embora o sexo fosse considerado algo sujo, que só deveria ser praticado para reprodução e entre casados pela Igreja) com *Arthur Dimmesdale*, um jovem reverendo.

Diante da recusa em confessar para as autoridades da cidade quem seria o responsável pela sua gravidez tão ‘inconveniente’, ela é condenada a carregar em suas vestes, para o resto de sua vida, a letra A, de adúltera, em vermelho.

Como explica *Morais* (2015, p. 148), “a vontade de Deus, para esses colonos constituía lei”, ou seja, “quase todos acreditavam que era dever do Estado apoiar a Igreja, cobrar comparecimento aos cultos, exigir uma moralidade, pois acreditavam que isso aumentava as possibilidades de salvação de todos os membros das comunidades (SELLERS, 1990: 26)”.

No entanto, *Hester Prynne* não é a única personagem que guarda segredos e que já agiu contra os bons costumes morais, evidenciando a existência de uma moral relativizada pela religião.

O Reverendo *Arthur Dimmesdale*, por exemplo, é retratado na história como um ser humano em constante conflito entre seus princípios religiosos e seu pecado decorrente da sua condição humana. A dinâmica psicológica que acompanha a personagem é de um tormento sem limites que culmina na tragicidade.

Roger Chillingworth, o verdadeiro e desaparecido marido de *Hester Prynne*, exerce seus conhecimentos para tramar a sua vingança contra a esposa,

a filha ilegítima e o amante anônimo, disfarçando-se de médico. A personagem transita por um perfil psicológico quase que monstruoso, dada a sua maldade.

Representante da nobre sociedade local, o Governador *Bellingham* é a figura do tradicional aristocrata, um cavalheiro idoso, rico e influente. Mas, sua moral é questionada pelo fato de encobrir os maus comportamentos de sua irmã, a Sr.^a *Hibbins*, ou seja, uma bruxa cujas práticas se traduzem por cavalgadas na floresta, durante à noite, com o “Homem Negro”, e eventualmente aparições públicas de profunda manifestação hipócrita no seio da sociedade puritana.

Mais antigo na igreja de Boston, o Reverendo *John Wilson* é o estereotipo do puritanismo. Mais enfático nas pregações do que o Reverendo *Arthur Dimmesdale*, ele é a favor do fogo do inferno e da condenação severa aos pecadores. No entanto, ele é influenciável na aplicação das regras à comunidade pelo próprio *Arthur Dimmesdale*.

Por fim, é importante ressaltar a existência de um narrador inominado que além de atuar como Inspetor da Alfândega de Salém é, também, escritor. Essa segunda função o leva a recontar a narrativa de maneira ficcional a partir do encontro de um antigo manuscrito sobre o caso, quase como um propósito de tornar pública a compreensão sobre a herança religiosa e moral norte-americana.

Assim, *A Letra Escarlate (The Scarlet Letter)* dá forma aos conceitos (dicotomias) – Pecado x Virtude, Bem x Mal, Deus x Demônio, Conhecimento x Ignorância (bruxaria) – que sustentam a fé e a religião, no caso o Puritanismo, porque

os puritanos fizeram leis sobre a moralidade privada como também sobre o comportamento público. Esta mesma tentativa para suprimir todo o pecado ainda parecia produzir erupções de maus comportamentos, como em reação ao excessivo rigor. O ensino religioso puritano tendeu a enfatizar a imagem de um Deus colérico e esquecer Sua clemência. Deste lado severo do pensamento puritano vem o quadro que Nathaniel Hawthorne chamou

de “*popa e negrume puritanos*”. Este era realmente um dos seus aspectos, mas não o único. (BRIDA, 2010, p. 1-2)

Tal razão se baseia na concepção de que as experiências terrenas seriam um obstáculo à pureza de uma vida celestial, algo preestabelecido por Deus e, desse modo, uma expressão identitária. Segundo explica Woodward (2000),

o social e o simbólico referem-se a dois processos diferentes, mas cada um deles é necessário para a construção e a manutenção das identidades. A marcação simbólica é um meio pelo qual damos sentido a práticas e a relações sociais, definindo, por exemplo, quem é excluído e quem é incluído. É por meio da diferenciação social que essas classificações da diferença são “vivas” nas relações sociais. (WOODWARD, 2000, p. 14)

Nesse contexto, a culpa é a marcação simbólica, o instrumento da fé judaico-cristã, na qual se alicerça a identidade Puritana, que se manifesta ao longo de toda obra como mecanismo de controle social. Segundo Foucault (1999, p. 165) para evitá-la “a coerção disciplinar estabelece no corpo o elo coercitivo entre uma aptidão aumentada e uma dominação acentuada” exercida pela fé.

Transitando do século XVII para o século XX, então, esse processo de controle e punição ganha outros contornos, conforme explica Foucault (1999),

forma-se, então, uma política das coerções que são um trabalho sobre o corpo, uma manipulação calculada de seus elementos, de seus gestos, de seus comportamentos. O corpo humano entra numa maquinaria de poder que o esquadriha, o desarticula e o recompõe. Uma “anatomia política”, que é também igualmente uma “mecânica do poder”, está nascendo; ela define como se pode ter domínio sobre o corpo dos outros, não simplesmente para que façam o que se quer, mas para que operem como se quer, com as técnicas, segundo a rapidez e a eficácia que se determina. A disciplina fabrica assim corpos submissos e exercitados, corpos “dóceis”. (FOUCAULT, 1999, p. 164)

As palavras de Foucault se tornam facilmente perceptíveis na literatura pós-colonialista desenvolvida por Chimamanda Ngozi Adichie.

Nascida em 15 de setembro de 1977, em Enugu, na Nigéria, ela cresceu em Nsukka, na casa anteriormente ocupada pelo escritor nigeriano Chinua

Achebe⁴. Sua trajetória vem sendo marcada pela conquista de muitos prêmios literários.

A escritora foi indicada em 2002 para o Caine Award com o conto *You in America*. Em 2003, sua história *That Harmattan Morning* foi selecionada como uma ganhadora conjunta dos Prêmios de Histórias Curtas da BBC e ganhou o Prêmio O. Henry oferecido pela Embaixada Americana. Ela também ganhou o Prêmio Internacional de História Curta David T. Wong 2002/2003 (Prêmio do Centro PEN) e o Prêmio *Beyond Margins* por seu conto *Half a Yellow Sun*, de 2007.

Seu segundo romance, *Half Off a Yellow Sun*, foi premiado com o Orange de ficção, em 2007. *Hibisco Roxo* recebeu grande aclamação da crítica e foi selecionado para o Orange Fiction Prize (2004) e premiado como Melhor Primeiro Livro (2005) dos Escritores da Commonwealth.

Chimamanda Adichie é, portanto, reconhecida como uma das mais importantes autoras de língua inglesa que conseguiu atrair uma nova geração de leitores da literatura africana. Em 2010, entrou na lista dos 20 autores de ficção mais influentes com idade inferior a 40 anos.

Sua escrita pós-colonialista é, portanto, uma expressão fundamentada dos desejos e das necessidades de milhões de pessoas que, ainda, permanecem à margem da sociedade; tornando-se um instrumento poderoso do ativismo contemporâneo, ao fazer das palavras pequenas pontes de educação crítica e reflexiva com cada um de seus leitores.

Conforme explica Coll (2002),

vivemos durante séculos influenciados pela ilusão da miscigenação sem conflitos, mascarando uma realidade onde a dominação e a discriminação

⁴ Nasceu em Ogidi, Nigéria, em 1930. É um dos mais respeitados escritores africanos da atualidade. Atuou na diplomacia durante os conflitos entre o governo da Nigéria e o povo Ibo, no final da década de 1960. Em 2002, foi agraciado com o Prêmio da Paz oferecido pela Feira de Frankfurt, na Alemanha. Em 2007, recebeu o *Man Booker International*, um dos mais importantes prêmios das literaturas de língua inglesa. Fonte: <<https://www.companhiadasletras.com.br/autor.php?codigo=02725>>.

racial e social diminuem consideravelmente as possibilidades de realização cultural plena para uma enorme parcela da população. População, aliás, que nunca deixou de lutar pela formação de uma sociedade na qual os direitos de minorias sejam respeitados e incorporados a uma identidade nacional reconhecidamente plural. Como resultado dessa luta, vivemos hoje um importante processo de democratização das relações sociais no Brasil, e um cenário político que certamente irá exigir a incorporação de uma série de demandas reprimidas. Devemos aproveitar a oportunidade para promover o incentivo ao diálogo, ferramenta fundamental para a construção de uma cultura da paz, que se solidifica com base na interculturalidade. (COLL, 2002, p. 16-17)

Nesse contexto, *Hibisco Roxo (Purple Hibiscus)*, publicado em 2003, reúne toda a sua sensibilidade em um modo muito particular de tradução das emoções mais complexas que o ser humano pode experimentar. Afinal, ainda que a obra seja ambientada na Nigéria, terra natal da autora, a sua história transcende uma identidade nacional para dar vazão a uma identidade humana.

Assim como na obra de *Nathaniel Hawthorne*, descrita anteriormente, a personagem feminina está presente e divide espaço com outro assunto importante na literatura pós-colonialista: as marcas profundas deixadas pela religião do antigo colonizador.

O poder religioso pode ser tão ou mais perverso do que o poder político, econômico e social sobre um povo. Basta pensar no processo de aculturação indígena, no Brasil.

Através das Missões Jesuíticas, que além de uma doutrinação impositiva tinha como objetivo escravizar e “domesticar” o “selvagem” nativo; o poder religioso das Missões destruiu a identidade de diversos povos e os aproximou de uma realidade para a qual jamais estariam aptos a viver em harmonia e segurança.

Se em *A Letra Escarlata* o Puritanismo é o responsável por estabelecer um cisma social, em *Hibisco Roxo* é a vez da religião Católica. Muitos cidadãos convertidos passaram a desenvolver uma convivência de superioridade e controle justificados pela própria fé.

Para eles, a ruptura com a identidade religiosa africana e a conversão a uma nova identidade, ainda que oriunda do processo de dominação colonial, seria capaz de elevá-los a um poder quase divino e absoluto.

Como explica Foucault (1999),

as instituições disciplinares produziram uma maquinaria de controle que funcionou como um microscópio do comportamento; as divisões tênues e analíticas por elas realizadas formaram, em torno dos homens, um aparelho de observação, de registro e de treinamento. (FOUCAULT, 1999, p. 198)

Assim, Chimamanda Adichie propõe essa discussão do ponto de vista da influência disciplinar religiosa, a partir de um prisma social tão relevante, a família. O que segundo Foucault (1997) traz a dimensão dos Micro-Poderes, na qual a família representaria um dos níveis dentro do grande complexo de poderes existentes. Foucault entende o poder como prática social expressa por um conjunto de relações e não um elemento em si.

Como a existência social do ser humano inicia-se a partir da família, que irá envolvê-lo ao que está por ela preestabelecido, permitindo ou não uma flexibilização de suas ações, constitui-se uma dinâmica própria para a subjetividade presente nas relações de poder. Segundo Melo (2011),

Meibel Guedes (2004, p. 100) nos declara que a criança pequena não tem uma imagem clara de si mesma. Ela enxerga através do espelho da avaliação de seus pais. “Dizer para ela constantemente que é má, preguiçosa, incapaz, estúpida, tímida, desajustada e incompetente criará nela a tendência de agir de acordo com as imagens que lhe atribuíram”. (MELO, 2011, não paginado)

Hibisco Roxo é narrado por uma adolescente negra, *Kambili*, cujo pai, *Eugene*, é um nigeriano convertido, fervorosamente, ao catolicismo. Ela, seu irmão mais velho, *Jaja*, e a mãe, *Beatrice*, viviam sob o regime tirano desse pai e esposo, cuja realidade social espelhava a aura de um homem muito respeitado, amoroso com a família e bem sucedido nos negócios.

Entretanto, no seio familiar pairava o silêncio, a disciplina, o controle, o medo e a violência, elementos que no contexto do pensamento *foucaultiano* sobre poder, direito e verdade, se explicaria pelo fato de que

existe um triângulo em que cada item mencionado (poder, direito e verdade) se encontra nos seus vértices. Nesse triângulo, o filósofo vem demonstrar o poder como direito, pelas formas que a sociedade se coloca e se movimenta, ou seja, se há o rei, há também os súditos, se há leis que operam, há também os que a determinam e os que devem obediência. O poder como verdade vem se instituir, ora pelos discursos a que lhe é obrigada a produzir, ora pelos movimentos dos quais se tornam vitimados pela própria organização que a acomete e, por vezes, sem a devida consciência e reflexão. (FERREIRINHA; RAITZ, 2010, p. 370)

Assim, o temor a Deus confundia-se a todo instante com o temor a *Eugene*. Os ensinamentos eram substituídos pelos castigos como se a aprendizagem só pudesse ser realizada e efetivada pela dor. Tanto os filhos quanto a esposa eram tratados da mesma forma, com o peso da obediência servil, de um amor que é capaz de atos extremos de intolerância.

Isso acontece porque, segundo explica Foucault (1999),

a manifestação do poder que pune: não é absolutamente a exasperação de uma justiça que, esquecendo seus princípios, perdesse todo o controle. Nos “excessos” dos suplícios, se investe toda a economia do poder. (FOUCAULT, 1999, p. 37)

Isso se reflete no peso do patriarcado, o qual se firmou pelo mundo por meio do poder Colonial. Segundo Lugones (2008),

"colonialidade" não se refere apenas à classificação racial. É um fenômeno abrangente, pois é um dos eixos do sistema de poder e, como tal, permeia todo o controle do acesso sexual, autoridade coletiva, trabalho e subjetividade / intersubjetividade, e a produção de conhecimento a partir do próprio interior dessas relações intersubjetivas. Em outras palavras, todo controle do sexo, subjetividade, autoridade e trabalho é expresso em conexão com a colonialidade. (LUGONES, 2008, p. 79, tradução nossa)⁵

⁵ No original: “colonialidad” no se refiere solamente a la clasificación racial. Es un fenómeno abarcador, ya que se trata de uno de los ejes del sistema de poder y, como tal, permea todo control del acceso sexual, la autoridad colectiva, el trabajo, y la subjetividad/intersubjetividad, y la producción del conocimiento desde el interior mismo de estas relaciones intersubjetivas. Para

Nesse sentido, uma família nigeriana em pleno século XXI ainda reflete, de algum modo, o peso do patriarcado colonial. A sociedade permanece entendendo que os homens adultos possuem o poder primário traduzido na liderança política, na autoridade moral, no privilégio social (a descendência pertence exclusivamente à linhagem masculina) e no controle das propriedades, incluindo as mulheres e as crianças no âmbito familiar.

Assim, nesse texto de Chimamanda, tudo isso está revestido e acrescido pela força do discurso religioso; o sagrado passa a justificar os meios. O silêncio das instituições políticas ao longo dos séculos vai se reafirmando pela influência do discurso religioso.

Como explica Bernardi e Castilho (2016),

a religiosidade constrói um universo de reflexão todo especial na vida seja individual ou social por envolver um contrato, em que o elemento esperança e sentido da vida são fundamentais para o desenvolvimento do ser humano em sua trajetória terrestre. [...] Nesse caminho, procuram-se elementos que permitam entender o ser humano na sua localidade e a importância de se ter uma religião que atenda o indivíduo em sua plenitude. (BERNARDI; CASTILHO, 2016, p. 746)

E dentro desse contexto, a autora aponta para o fato de que a personagem *Eugene* não busca outras esposas para lhe dar outros filhos, porque sabe as verdadeiras razões em torno dos abortos sofridos pela mulher, ou seja, a violência doméstica. O que demonstra que ele não quer colocar em risco a posição social conquistada a partir da sua “conversão”.

A religião lhe serve, portanto, como um instrumento para esconder a sua identidade patriarcal cruel e dominadora, resultante em uma violência familiar que se desdobra tanto na sujeição feminina quanto na ingerência religiosa sobre as mulheres. Segundo Toldy (2010) isso acontece porque,

ponerlo de otro modo, todo control del sexo, la subjetividad, la autoridad, y el trabajo, están expresados en conexión con la colonialidad (LUGONES, 2008, p. 79).

embora as Igrejas e comunidades de crentes lutem com sinceridade contra a pobreza, o facto de as mesmas se recusarem a evidenciar a ligação existente entre as suas autoridades masculinas e o abuso de poder, assim como a violência contra mulheres e crianças, constitui um erro crasso. Além disso, a religião também oculta a sua responsabilidade no facto de as mulheres serem condicionadas a aceitar normas culturais que sancionam positivamente a violência. (TOLDY, 2010, p. 171-172)

De modo que, ao estender o conceito de família além do núcleo familiar de *Kambili*, ou seja, pai, mãe e irmão, e passar a considerar a tia *Ifeoma* (irmã de *Eugene*), os filhos dela, *Obiora*, *Amaka* e *Chima*, e o avô (pai de *Eugene*), *Papa-Nnukwu*, a autora aponta para uma situação ainda mais tensa e clara, em relação às divergências ideológicas, identitárias e religiosas. É aí que a força do feminismo surge na história, por meio da personagem *Ifeoma*, e começa a desestabilizar o poder religioso ostentado pela personagem *Eugene*.

Funck (2008) explica que

se gênero é uma construção sociocultural que precisa ser constantemente afirmada, desconstruída e negociada, são exatamente as diferentes práticas discursivas que permitem e promovem os processos de subjetivação e de identificação com aquelas características que em certo momento histórico são vistas como femininas ou masculinas. (FUNCK, 2008, p. 186)

Nesse sentido, esse embate ideológico proposto por Chimamanda demonstra o quanto o empoderamento educacional pode fortalecer a liberdade existencial para a construção de uma identidade consciente, por parte do indivíduo.

Ifeoma estudou, é professora universitária, cuida de três filhos sozinha (pois ficou viúva), embora católica praticante lida com a diversidade religiosa existente em seu país de maneira respeitosa e tolerante. Assim, como explica Coracini (2005),

se alargarmos a concepção de leitura e a considerarmos uma possibilidade de perceber o espaço social, então ler passa a significar lançar um olhar à nossa volta e perceber o que nos rodeia. Isso pode ser feito apenas para confirmar nossos pontos de vista ou para problematizar, questionar o que,

aparentemente, não pode ou não deve ser questionado... (CORACINI, 2005, p. 39)

Desse modo, Chimamanda consegue fazer um contraponto muito interessante entre *Ifeoma* e *Beatrice*; pois a segunda é uma mulher que limitou sua existência ao casamento, tornando-se uma esposa fiel, devotada, totalmente subserviente ao marido.

Para contribuir ainda mais com essa reflexão, a autora também estabelece contrapontos entre outros dois personagens, o padre *Benedict* e o padre *Amadi*. O primeiro, totalmente simpatizante às ideologias e comportamentos de *Eugene*, na defesa de um Catolicismo rígido e tradicionalista. O segundo, simpatizante às ideologias de *Ifeoma*, na defesa de um Catolicismo humano e flexível. A autora, então, revela a importância de despir a religião do peso arbitrário do poder, para que ela possa cumprir o seu papel humanístico e acolhedor no desenvolvimento social e no combate às injustiças.

Outro aspecto importante a ser considerado nessa leitura é o de que *Eugene*, embora faça da religião o seu instrumento de negação identitária cultural, não consegue negar plenamente sua cultura. Apesar de ele utilizar o inglês, ele não renega a língua *Igbo*.

Segundo Prasse (1997), o desejo de saber uma língua estrangeira é o desejo de ser livre para escolher uma ordem na qual “se exprimir”, de impor-se uma ordem por um ato voluntário, aprender; enfim, como se deve falar corretamente e se satisfazer com isso.

De modo que, “quanto melhor se fala uma língua, mais se desenvolve o sentimento de pertencer à cultura, à comunidade de acolhida, e mais se experimenta um sentimento de desdobramento em relação à comunidade de origem” (REVUZ, 2002, p. 223).

Em termos práticos a personagem *Eugene* fez, então, foi “*viver com, sem rejeitar nem absorver*” (REVUZ, 2002, p. 225), ou seja, constituindo um respeito

tanto à língua materna quanto à língua estrangeira e permitindo, dessa forma, garantir a sua própria sobrevivência em um contexto tão diverso.

Diante de tudo o que foi exposto, então, não se trata de uma leitura de entretenimento dada à complexidade de análises que desperta por meio da crueza da realidade do mundo, que tantos preferem se abster de enxergar.

Essa belíssima engenharia de ideias e palavras de Chimamanda Adichie, intitulada *Hibisco Roxo*, não permite uma leitura fria e insensível, porque o texto é um clamor intenso pela reflexão em torno das desigualdades, das violências e das intolerâncias presentes no mundo; além dos desafios e da precariedade da educação.

Sobre o título escolhido para a obra, talvez, a explicação⁶ esteja no fato de que as experiências levam a transformações surpreendentes.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante dessa breve análise há de se concordar com as palavras de Candido (2006), quando ele manifesta que

a literatura é pois um sistema vivo de obras, agindo umas sobre as outras e sobre os leitores; e só vive na medida em que estes a vivem, decifrando-a, aceitando-a, deformando-a. A obra não é produto fixo, unívoco ante qualquer público; nem este é passivo, homogêneo, registrando uniformemente o seu efeito. São dois termos que atuam um sobre o outro (...). (CANDIDO, 2006, p. 84)

Mediante os dois recortes estabelecidos nesta análise, um em relação ao tempo – século XVII e século XXI – e outro em relação à perspectiva histórica – colonialismo e pós-colonialismo –, é possível perceber exatamente como as palavras traduzem e refletem a sociedade e seus valores, princípios e comportamentos.

⁶ *Hibisco Roxo* - p. 138.

Em relação ao primeiro recorte, o papel da religião ao longo de cinco séculos demonstra que

a vida de uma coletividade envolve crenças que se revelam nas condutas e se materializam nas formas espaciais do cotidiano vivido, o que inclui a valorização, não só da dimensão simbólica – significativa dessas condutas –, como também da dimensão cultural reveladora dessas crenças e condutas. Assim, a organização do sagrado no território de forma endógena constitui-se em uma dinâmica, móvel no espaço. (BERNARDI; CASTILHO, 2016, p. 754)

Quanto ao segundo, a literatura colonialista de Nathaniel Hawthorne traz certa convicção de que suas origens puritanas, de algum modo, transitavam entre a inquietude atormentante e a inspiração literária, fazendo-o ressignificar a realidade que observava, analisava e tecia seus próprios julgamentos.

Já a obra pós-colonialista de Chimamanda Adichie propõe, subjetivamente, uma maneira particular de enxergar e compreender os impactos da colonização sobre a sociedade nigeriana; de modo que isso traz, também, contribuições significativas ao leitor no contexto de seu universo particular.

Mas, em ambos os casos, o poder da religião permanece impactando a vida da sociedade e se tornando um elemento de construção literária importante; “isto é, ainda que sua influência não seja por todos percebida, ela ainda consegue se tornar imprescindível nas relações sociais” (FERREIRA, 2012, p. 7).

Afinal de contas, segundo Silva (2004),

Em nenhum período da história houve uma única religião em todo o mundo, como também nunca foram dominantes as atitudes de tolerância no passado da história das religiões. A associação entre Estado e Igreja é uma dessas formas de intolerância, não deixando, por isso mesmo, uma boa lembrança. A imposição de uma fé como oficial e a consequente exclusão das outras (inclusive com perseguições declaradas) deixou seu rastro perverso no passado. No presente, muitos conflitos continuam sendo

alimentados a partir de convicções ou sob a justificativa de crença, como vemos no Oriente Médio ou na Irlanda. (SILVA, 2004, p. 2)

Daí a importância da literatura trazer um novo viés de reflexão sobre o poder religioso da colonialidade e sua influência histórico-cultural, na construção identitária; de modo que seja possível encontrar o caminho de compreensão para o porquê as pessoas assumem suas posições de identidade e se identificam com elas.

Assim, sendo as identidades criaturas da linguagem e, por isso, criadas cultural e socialmente, isso as torna maleáveis e marcadas pela indeterminação e instabilidade por causa do próprio caráter vacilante da linguagem. Apesar disso, elas ainda carregam o poder de definir.

REFERÊNCIAS

- ADICHIE, C. N. *Hibisco Roxo*. Tradução de Júlia Romeu. São Paulo: Companhia das Letras, 2011. 324p.
- BERNARDI, C. J.; CASTILHO, M. A. de. A religiosidade como elemento do desenvolvimento humano. *INTERAÇÕES*, Campo Grande, MS, v. 17, n. 4, p. 745-756, out./dez. 2016.
- BONNICI, T. Introdução ao estudo das literaturas pós-coloniais. *Mimesis*, Bauru, v. 19, n. 1, p. 7-23, 1998.
- BRIDA, A. C. Os Puritanos na Literatura Norte-Americana. *Recanto das Letras*, p. 1-15, Fev. 2010. Disponível em: <<http://static.recantodasletras.com.br/arquivos/2090572.pdf>>. Acesso em: 14 jan. 2020.
- CAMILOTTI, V.; NAXARA, M. R. C. História e Literatura: Fontes Literárias na Produção Historiográfica Recente no Brasil. *História: Questões & Debates*, Curitiba, PR, n. 50, p. 15-49, jan./jun. 2009.
- CANDIDO, A. *Literatura e sociedade*. 9 ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2006.
- CARBONIERI, D; GAVA, A. A. A Contribuição Puritana na Literatura Colonial Americana: Diários, Sermões, Poesia. *Revista Scripta Uniandrade*, Curitiba, PR, v. 13, n. 2, p. 08-30, Dez. 2015.
- COELHO, T. P. *Literatura Colonial e Pós-Colonial*. 30 dez. 2009. Disponível em: <<https://edtl.fcsh.unl.pt/encyclopedia/literatura-colonial-e-pos-colonial/>>. Acesso em: 14 jan. 2020.

-
- COLL, A. N. *Propostas para uma diversidade cultural intercultural na era da globalização*. São Paulo, Instituto Pólis, 2002. 124p. (Cadernos de Proposições para o Século XXI, 2)
- COMPANHIA DAS LETRAS. Autor: Chinua Achebe. Disponível em: <<https://www.companhiadasletras.com.br/autor.php?codigo=02725>>. Acesso em: 14 jan. 2020.
- CORACINI, M. J. R. F. Concepções de Leitura na (Pós-) Modernidade. In: LIMA, R. C. de C. P. (Org.). *Leitura: múltiplos olhares*. Campinas: Mercado de Letras; São João da Boa Vista: Unifeob, 2005. p. 15-44.
- FERREIRA, I. de V. A religião como necessidade social. *Revista Cogitationes*, Juiz de Fora, v. 3, n. 7, p. 5-17, Abr./Jul. 2012.
- FERREIRINHA, I. M. N.; RAITZ, T. R. As relações de poder em Michel Foucault: reflexões teóricas. *Revista de Administração Pública – RAP*, Rio de Janeiro, v. 44, n. 2, p. 367-83, Mar./Abr. 2010.
- FOUCAULT, M. *Vigiar e punir: nascimento da prisão*. 20 ed. Tradução de Raquel Ramallete. Petrópolis, Vozes, 1999. 288p. (Título original: *Surveiller et punir*.)
- _____. *Microfísica do Poder*. 11 ed. Rio de Janeiro: Graal, 1997.
- FUNCK, S. B. Discurso e identidade de gênero. In: CALDAS-COULTHARD, C. R.; SCLiar-CABRAL, L. (Org.). *Desvendando Discursos: conceitos básicos*. Florianópolis: Editora da UFSC, 2008.
- GUEDES, M. M. *Educar filhos: um ato de amor*. Curitiba: Editora SERGRAF, 2004.
- HAWTHORNE, N. *A Letra Escarlate*. Tradução de Sodré Viana. São Paulo: Martin Claret, 2006. 240p. (Título original: *The Scarlet Letter*.)
- KARNAL, L. et al. *História dos Estados Unidos – das origens ao século XXI*. São Paulo: Ed. Contexto, 2011.
- LUGONES, M. Colonialidad y género. *Tabula Rasa*, Universidad Colegio Mayor de Cundinamarca, Bogotá, Colombia, n. 9, p. 73-101, Julio/Diciembre, 2008. Disponível em: <<http://www.redalyc.org/pdf/396/39600906.pdf>>.
- MELO, M. A. S. de. *O papel da família na construção da identidade da criança*. 07 jun. 2011. Disponível em: <<https://www.webartigos.com/artigos/o-papel-da-familia-na-construcao-da-identidade-da-crianca/68076/>>. Acesso em: 15 jul. 2017.
- MORAIS, G. de S. Os Processos de Salem: Uma breve análise da sua Historiografia, Memórias e Representações. *Cadernos de Clio*, Curitiba, v. 6, n. 1, p. 145-168, 2015.
- PEREIRA, J. C. F. *Teoria da Literatura: Anatomia de um conceito através da leitura de seus grandes manuais*. 2006. 205f. Tese (Doutorado em Letras, área de Literatura Comparada) - Instituto de Letras da Universidade Federal Fluminense, Niterói, RJ, 2006.
- PEZZODIPANE, R. V. Pós-colonial: a ruptura com a história única. *Simbiótica*, UFES, v. ún., n. 3, jun. 2013. 11p.

PRASSE, J. O desejo das Línguas Estrangeiras. *Revista Internacional*, Rio de Janeiro, Paris, Nova York, Buenos Aires, ano 1, n. 1, p. 63-73, jun. 1997.

REVUZ, C. A Língua Estrangeira entre o desejo de um outro lugar e o risco do exílio. In: SIGNORINI, I. (Org.). *Língua (gem) e Identidade: elementos para uma discussão no campo aplicado*. Campinas: Mercado das Letras / FAEP Unicamp / FAPESP, 2002. p.213-230.

SANTOS, E. P. dos. Pós-Colonialismo e Pós-Colonialidade. In: FIGUEIREDO, E. (Org.). *Conceitos de Literatura e Cultura*. 2 ed. Niterói: EdUFF; Juiz de Fora: EdUFJF, 2010. p. 341-365.

SILVA, E. M. da. Religião, Diversidade e Valores Culturais: conceitos teóricos e a educação para a Cidadania. *Revista de Estudos da Religião – REVER*, PUC-SP, São Paulo, n. 2, a. 4, p. 1-14, 2004. Disponível em: <https://www.pucsp.br/rever/rv2_2004/p_silva.pdf>. Acesso em: 14 jan. 2020.

SOUZA, S. D. de. Revista Mandrágora: Gênero e Religião nos Estudos Feministas. *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis, SC, v. 12 (N.E.), p. 122-130, set./dez. 2004.

TOLDY, T. M. A violência e o poder da(s) palavra(s): A religião cristã e as mulheres. *Revista Crítica de Ciências Sociais*, Coimbra, Portugal, n. 89, p. 171-183, 2010.

VALÉRY, P. De l'histoire. In: *Regardssur le monde actuel et autres essais*. Paris: Gallimard, 1945. p. 39. Tradução de Jacy Seixas.

WOODWARD, K. Identidade e diferença: uma introdução teoria e conceitual. In: SILVA, T. T. da (Org.). *Identidade e diferença – A perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis: Vozes, 2000, p. 7-72.

Nota do editor:

Artigo submetido para avaliação em: 27 de fevereiro de 2020.

Aprovado em sistema duplo cego em: 25 de maio de 2020.